

CORREIO NO MUNDO

Gobierno argentino



Vice, Lara tem pavio curto e se diz contra a “velha política”

Briga de presidente e vice da Bolívia enfraquece a 3ª via

Rodrigo Paz chegou ao poder na Bolívia há menos de três meses e certamente esperava uma lua de mel menos conturbada. O trabalho já era complexo para a promessa da terceira via, que precisava superar anos de domínio da esquerda e oferecer uma alternativa diferente da direita mais agressiva, mas Paz acabou encontrando um adversário inesperado: seu vice-presidente, Edman Lara. O desentendimento na cúpula do país andino começou antes mesmo da posse do novo governo, que encerrou, em 8 de novembro último, 20 anos de vitórias nas urnas do MAS (Movimento ao Socialismo), o agrupamento político que tem em Evo Morales sua figura mais emblemática. Paz e Lara têm origens e visões de mundo bem diferentes.

Visões de mundo distintas

O presidente vem de uma camada social privilegiada, é filho do ex-presidente Jaime Paz Zamora (1989-1993), foi senador, deputado, vereador e prefeito de Tarija. Já o Capitão Lara, como ficou conhecido na internet, entrou na política recentemente e de forma bastante repentina. Ele é um policial que se tornou popular ao denunciar casos de corrupção dentro das forças de segurança. Sua presença na cena pública o catapultou para o lugar de figura política nacional.

Gobierno argentino



‘Caso Rodrigo Paz’ está sendo comparado à gestão Milei

De aliados a rivais políticos

“Em termos eleitorais, eles foram complementares. A chapa realmente teve muito apoio político nas terras altas da Bolívia, especialmente na bacia do lago Titicaca, ao norte de La Paz, no Trópico de Cochabamba [onde Evo vive protegido], que foram redutos eleitorais do MAS no passado”, avalia o cientista social e analista político boliviano Gustavo Pedraza. Tudo funcionou bem, até o canhão de críticas de Lara se voltar contra o próprio Paz. O ex-capitão chegou a dizer que “não faz mais parte” do governo, ainda que não tivesse planos de renunciar, e disse que o presidente quer anulá-lo.

Comparação com o caso da Argentina

Ele acusou Paz de não cumprir com promessas de campanha, como a criação de um salário universal para as mulheres. Criticou o fim do programa de subsídios aos combustíveis e insinuou que o presidente seja comandado por Doria Medina. A crise entre os líderes já é comparada à Argentina, onde Javier Milei e sua vice, Victoria Villarruel, nem se falam.

Por Douglas Gavras (Folhapress)

Tráfico internacional

Uma ação integrada entre forças de segurança do Brasil e do Peru resultou na destruição de três aviões usados no tráfico internacional de drogas no último domingo (15). As aeronaves estavam em uma pista clandestina no distrito de Ramón Castilla, no Peru, próximo à fronteira com o Amazonas.

Aviões incinerados

As aeronaves tinham prefixo do Brasil, segundo informou a Polícia Nacional do Peru. A operação foi desencadeada a partir de informações de inteligência produzidas no Brasil, que indicaram a existência de uma pista clandestina na região. Os aviões foram incendiados junto a químicos usados na produção de pasta base de cocaína.

Pista destruída

Também foi realizada a destruição da pista de pouso clandestina usada pelo narcotráfico na comunidade de Nueva Galilea, no distrito de Ramón Castilla, no Departamento de Loreto, no Peru. A operação continua para localizar os pilotos das aeronaves com identificação brasileira.

Tensão aumenta

Algumas horas após o início das negociações entre os EUA e o Irã, partes do estratégico Estreito de Ormuz serão fechadas por algumas horas. Fechamento seria por “precauções de segurança”. A Guarda Revolucionária iraniana estaria realizando exercícios militares, não especificados, na rota de exportação de petróleo mais importante do mundo.

Ameaça antiga

Teerã já havia ameaçado no passado fechar o estreito para o transporte comercial se fosse atacada. Caso houvesse um fechamento completo, a medida boquearia um quinto do fluxo global de petróleo e elevaria os preços do petróleo bruto. Donald Trump disse que estaria envolvido “indiretamente” nas negociações de Genebra.

Embate narrativo

Trump confia na influência de seu poder bélico ao redor da região para conseguir um acordo. Porém, o Irã não vê assim. “O presidente dos EUA diz que seu exército é o mais forte do mundo, mas o exército mais forte do mundo às vezes pode levar um tapa tão forte que não consegue se levantar”, disse o aiatolá Ali Khamenei.



Trumpismo vem se sustentando em meio a polêmicas nos EUA

Pesquisa traça perfil de apoiadores dos Trump

Republicanos tradicionais e direita relutante sustentam trumpismo

Por Isabella Menon (Folhapress)

O presidente dos EUA, Donald Trump, construiu uma coalizão de eleitores - não um culto. É o que aponta a pesquisa Beyond Maga: A Profile of the Trump Coalition (Além do Maga, O Perfil da Coalizão de Trump, em inglês), segundo a qual os eleitores do republicano se dividem, em linhas gerais, em quatro grupos: Maga radicais (sigla em inglês para o slogan “Faça a América Grande Novamente”), direita relutante, conservadores anti-woke e republicanos tradicionais. O levantamento, conduzido pelo centro de pesquisas More in Common, entrevistou 18 mil americanos. Para o diretor-executivo da organização nos Estados Unidos, Jason Mangone, os resultados indicam que a base de apoio do presidente é mais “diversa e internamente dividida do que muitos supõem”.

A divisão em quatro grupos fica clara no peso da identidade: apenas 38% dos eleitores de Trump se identificam como Maga. Enquanto esse núcleo vê o presidente como uma espécie de enviado divino, a chamada “direita relutante” o enxerga como um CEO pragmático, contratado para consertar a economia.

Embora o presidente venha registrando, nas últimas semanas, um aumento da impopularidade em meio a escândalos - como a morte de cidadãos americanos em ações de agentes da imigração -, a adesão entre seus eleitores permanece alta. “Passado mais de um ano de seu se-

gundo mandato, o apoio a Trump continua forte, especialmente entre seus eleitores mais comprometidos, mesmo que alguns, nas margens, tenham sentimentos ambíguos”, afirma Mangone.

O que mantém esses diferentes grupos unidos, porém, é a existência de um inimigo comum: o avanço do chamado movimento “woke” (apoio a pautas consideradas progressistas), visto como uma ameaça por 75% da base em geral. Mesmo entre os mais moderados, como os republicanos tradicionais, 65% consideram o tema um problema real.

A pesquisa também identificou uma tendência associada: jovens defendem papéis de gênero mais rígidos do que os das gerações anteriores, em sintonia com a rejeição ao movimento woke. Como exemplo desse fenômeno, o levantamento mostra que 26% dos eleitores da geração Z concordam com afirmações como “o homem deve liderar e a mulher seguir” - percentual que cai para 10% entre os baby boomers.

“Chamamos isso de um - novo tradicionalismo - emergente entre eleitores mais jovens de Trump. Estamos observando uma mudança geracional real em direção a visões mais tradicionais sobre fé e gênero”, declara Mangone.

Esse grupo também enxerga a religião como um ato de resistência cultural. Para 43% dos jovens eleitores de Trump, ser religioso hoje é um gesto mais “rebelde” do que ser ateu, invertendo a lógica contracultural das décadas passadas.